



ID: 52178664

05-02-2014

MERCADO DE TRABALHO // QUALIFICAÇÕES

//INQUÉRITO

Até que ponto o desemprego e a emigração afetam a sua área profissional?

Orlando Monteiro da Silva

Bastonário da Ordem dos Dentistas

“EMIGRAÇÃO ESPECIALIZADA É PERDA”

“É bom poder exercer no espaço europeu, mas é uma pena estes profissionais especializados saírem do país. Dos 7779 dentistas que Portugal tem, 1040 estão a exercer no estrangeiro. A emigração especializada é uma perda para todos”.



Carlos Matias Ramos

Bastonário da Ordem dos Engenheiros

“INTERNACIONALIZAÇÃO É POSITIVA”

“Um país que não consegue empregar licenciados está a empobrecer. Se os profissionais encontram condições estáveis na emigração, não voltam e isso compromete o futuro do país. A internacionalização é positiva, a emigração nem tanto”.

Licenciados sem emprego há mais de um ano crescem até 81 mil

- Mais de metade dos 146 mil desempregados com curso superior são de longa duração
Excesso de qualificações pode ser um problema

Luís Reis Ribeiro
luís.ribeiro@dinheirovivo.pt

Mais de metade dos licenciados é desempregado de longa duração. Apesar de o desemprego total dar sinais de alívio, o investimento está estagnado e existe uma sobrequalificação de quadros.

O desemprego total da economia portuguesa dá sinais de alívio há vários trimestres, mas o número de licenciados que não arranjam trabalho há mais de um ano (longa duração) continua a aumentar. O fenómeno seria pior não fosse a vaga de emigração qualificada (e não só) para os países do Norte da Europa, de África e para o Brasil registada nos últimos anos. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgados pelo

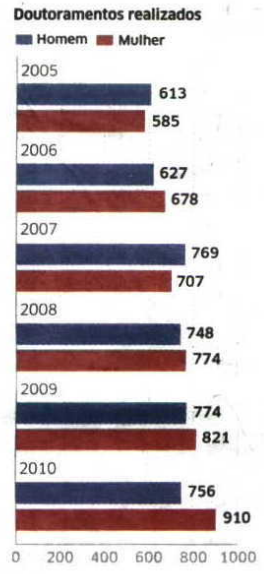
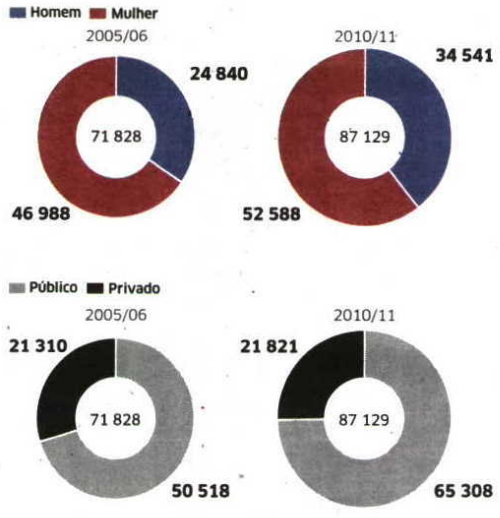
Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, no final do terceiro trimestre, mais de metade (55%) dos desempregados com curso superior estava nessa situação há mais de um ano. Ou seja, dos 146,5 mil licenciados desempregados, mais de 81 mil estão parados há 12 meses ou mais. São mais 11 mil face ao mesmo período de 2012 e mais cinco mil face ao trimestre anterior. Os dados do boletim do emprego do ministério tutelado por António Pires de Lima mostram uma realidade bastante adversa para os diplomados no terceiro trimestre de 2013, altura em que o desemprego de longa duração total parecia estar a “dar a volta”. No entanto, o grupo dos licenciados não acompanhou a tendência geral, juntamente com os desempregados com o terceiro ciclo do ensino básico concluído. Houve uma melhoria no se-

gundo trimestre, mas no seguinte tornou a piorar, tendo atingido a segunda marca mais elevada (81,1 mil) de que há registo. No 3.º trimestre de 2003, eram 8300, menos 72 800 do que em igual trimestre de 2013. A crise internacional implicou um forte ajustamento da procura interna, com a rarefação do crédito (que ainda persiste entre as pequenas empresas), e a aplicação do programa de ajustamento da troika teve e tem como pilar a redução dos desequilíbrios externos através do investimento público e privado e do consumo. A consequência visível foi um aumento do de-

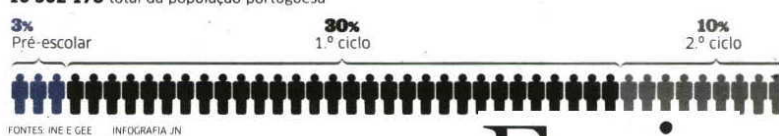
LICENCIATURA PODE SER UMA ARMADILHA, ALGO QUE NÃO ACONTECIA ANTES DA CRISE

//MERCADO DE EMPREGO

Diplomados no Ensino Superior (segundo o sexo e a natureza institucional do estabelecimento)



POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE 10 562 178 total da população portuguesa



semprego “maior do que o projetado”. Mas ser licenciado revelou-se uma armadilha. “Em Portugal, as taxas de desemprego e de desemprego de longa duração eram baixas antes da crise”, mas esta “acelerou o declínio da taxa de emprego relativamente alta dos jovens”. “Devemos agora ter atenção ao risco de uma geração perdida”, refere o estudo “Employment and Social Developments in Europe 2013”, elaborado por peritos da Direção-Geral do Emprego da CE. Mais. O estudo diz que Portugal é dos países europeus com maior índice de “sobrequalificação” no emprego. Mais de um quinto (21%, média de 2001 a 2011) dos trabalhadores tem profissões ou tarefas pouco exigentes ou “monótonas” face às suas competências formais. Portugal é o quarto pior caso. Hoje, o INE revela os dados do desemprego de todo o ano de 2013. ●

CRISE PROVOCOU QUEBRA SALARIAL

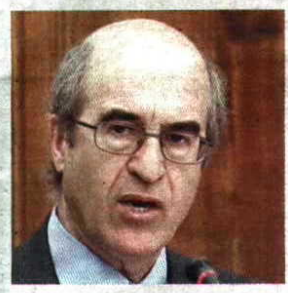
Entre 2010 e 2012, os licenciados perderam 9,5% do seu rendimento. Com a crise da dívida soberana como pano de fundo, o poder de compra dos trabalhadores mais qualificados encolheu mais rapidamente do que o dos menos qualificados, segundo dados do INE. Um estudo da Egor mostrou recentemente que muitas funções tipicamente ocupadas por licenciados viram o seu salário líquido cair entre 2012 e 2013. Por exemplo, um diretor comercial ou de marketing ganhava em média 3606 euros em 2012, passando para 3561 no ano passado. Ser licenciado nem sempre compensa.

Emigr

Teixeira Lopes afirma que Portugal não aproveita jovens cá dentro, nem lá fora

Helena Teixeira da Silva helenasilva@jn.pt

“HOUE um tempo em que regressar a Portugal era a fantasia que animava os emigrantes portugueses em França, o enorme desejo de voltar era o seu motor. E os que conseguiram regressar eram considerados heróis”. Foi assim que o realizador do filme “A gaiola dourada”, o luso-francês Rúben Alves, reagiu à apresentação do es-



Germano Couto
Bastonário da Ordem dos Enfermeiros

“FAZEM FALTA OS ENFERMEIROS”

“A emigração tem sido um fenómeno crescente. A diferença entre condições de trabalho e oportunidades de progresso no estrangeiro e em Portugal torna bastante apelativa a emigração. Fazem falta os enfermeiros que hoje emigram”.



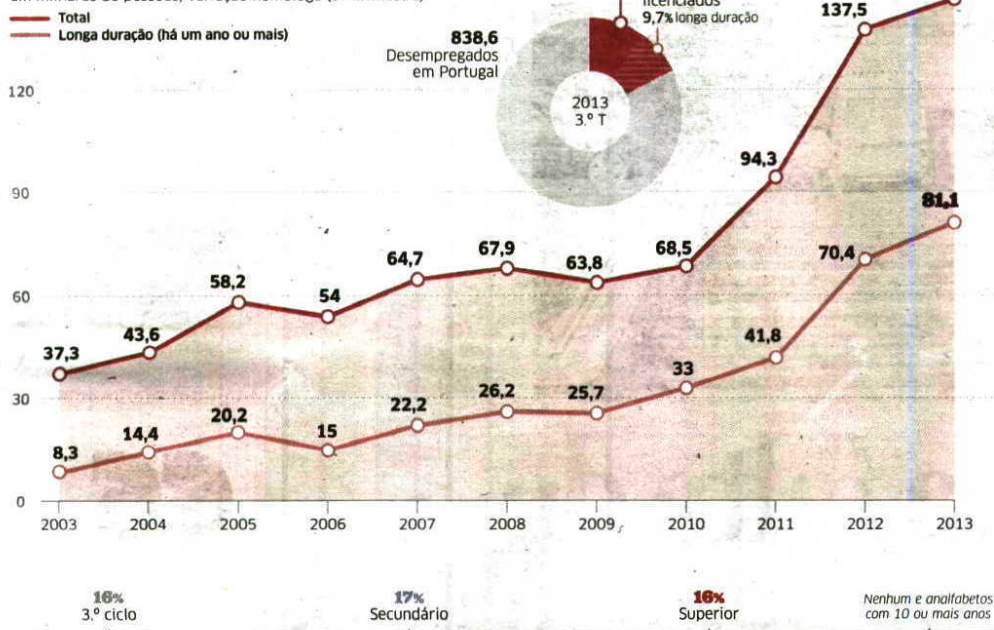
// DOIS CASOS

“Formação em Portugal foi a pedra basilar”

“Emigração será sempre o “último recurso”

DESEMPREGO DOS LICENCIADOS

em milhares de pessoas, variação homóloga (3.º trimestre)



TIAGO B. RODRIGUES
Bioquímica Molecular
Reino Unido



VÂNIA MEIRA
Engenharia Alimentar
Viana do Castelo

Tiago não é emigrante da última vaga. Quando em 1999 saiu de Coimbra para Madrid, para um laboratório de ressonância magnética biomédica, “ser português em Espanha ainda era considerado exótico”.

Vai para quatro anos que Vânia não consegue encontrar trabalho. Em 2008, licenciou-se em Engenharia Alimentar, no Politécnico de Viana do Castelo.

antes são “invisíveis”

tudo de João Teixeira Lopes sobre a fuga de jovens licenciados entre os 20 e os 35 anos para França, recorda o sociólogo ao JN. Hoje, concluiu no trabalho encomendado pela Secretaria de Estado das Comunidades, “voltar é um projeto adiado ou considerado inexequível”.

vista familiar: quer ser independente e não consegue sair de casa dos pais. Lá fora, esta geração é bem aceite e depressa adquire um nível de vida que aqui lhe é vedado. O ex-deputado do Bloco de Esquerda considera que é o país que fica a perder, quer por não absorver os jovens no mercado interno, quer por não aproveitar o seu potencial no mercado externo.

ter no país de destino como embaixadores”. “É um duplo desperdício”, critica. Na verdade, diz, “os emigrantes portugueses licenciados são invisíveis perante

“Portugal está a ser espoliado dos seus recursos humanos mais qualificados”
João Teixeira Lopes
Sociólogo

as instituições, cá e lá, porque não vão às autoridades, não precisam de registo e planeiam tudo, viagem, casa e emprego, sozinhos”. Esses novos emigrantes, refere o professor da Universidade do Porto, querem tudo menos ser considerados emigrantes. “Não se relacionam com a primeira geração de emigrantes, nem com os filhos dessa geração, que também já são licenciados. Há um preconceito grande de uns em relação aos outros, uma barreira de classes que poderia ser resolvida se houvesse contacto institucional”. Até porque, diz, “também não se relacionam com os franceses”.

Quando hoje, aos 36 anos, compara o seu percurso com o dos colegas que perderam o financiamento – cenário que considera “arrepiente” –, há duas dúvidas que não tem: por um lado, “sem as duas bolsas atribuídas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) nunca conseguiria ter dado o salto lá para fora”; por outro, “a formação obtida em Portugal foi a pedra basilar, porque é muito boa e isso é reconhecido”. Regressar a Portugal, diz, “não é irrealista”, mas também “não é prioritário”. “Não tem a ver com as dificuldades, reais e conjunturais. Simplesmente criei raízes, costumes, mecanismos de trabalho que se coadunam com o lugar onde estou”. HTS.

Concluídos os dois anos no ensino profissional e sem propostas às quais se agarrar, Vânia ensaia uma saída do país, mas como estudante. Faz um mestrado, na área da Educação, em Espanha, regressando, depois, a Viana do Castelo. “Foi um teste”, diz, afirmando que o tempo passado no país vizinho serviu para “tomar o pulso à realidade lá fora”. Contudo, assevera, “adoro Portugal e a vida que, em parte, ainda tenho. Agora, tenho mesmo é muita pena de as coisas estarem como estão. Não ponho de parte sair do país, mas não será, pelo menos, para já”. Para já, Vânia frequenta uma especialização, em Portugal, na área em que se licenciou. “Quando terminar, logo se verá”, assinala. LUÍS HENRIQUE OLIVEIRA

SINAIS DE RETOMA NÃO PARECEM SER SOLUÇÃO //P.2 E 3

81000

LICENCIADOS SEM TRABALHO HÁ MAIS DE UM ANO

● Excesso de qualificações passou a ser um problema